

## **A segunda guerra mundial e o julgamento de Eichmann: uma análise sobre a banalidade do mal segundo Hannah Arendt**

### **The second world war and the Eichmann trial: an analysis of the banality of evil according to Hannah Arendt**

CARLOS ALBERTO CÁCERES<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho é um estudo sobre a temática da banalidade do mal segundo a autora Hannah Arendt partindo do julgamento de um criminoso de guerra, criminoso esse Adolf Eichmann responsável pela deportação de judeus para os campos de concentração, para entendermos melhor o tema irei expor uma pequena biografia da autora e logo em seguida no capítulo um já irei expor a insatisfação do povo alemão do pós-primeira guerra mundial do qual levou o povo a um ressentimento muito grande com os seus líderes culpando-os pela derrota e levando a um forte e crescente antissemitismo contra o povo judeu da Alemanha, e mais adiante Adolf Hitler se tornaria Chanceler da Alemanha e depois o viraria o líder supremo da Alemanha, no capítulo dois teremos uma breve noção de como surge um governo totalitarista governo esse que usa do terror e da manipulação dos indivíduos para permanecer ao poder, no capítulo três iremos narrar como foi à caça ao criminoso de guerra Adolf Eichmann, a sua captura na Argentina e a sua chegada em Jerusalém para ser julgado, no quarto e último capítulo iremos analisar e compreender a banalidade do mal na visão de Hannah Arendt, o que leva um cidadão aparentemente do bem, um pai de família a cometer certas monstruosidades.

**Palavras-chaves:** Arendt. Banalidade do mal. Eichmann. Antissemitismo. Julgamento.

**Abstract:** This work is a study on the theme of the banality of evil according to the author Hannah Arendt, starting from the trial of a war criminal, criminal Adolf Eichmann responsible for the deportation of Jews to concentration camps, to better understand the topic I will expose a small biography of the author and then in chapter one I will expose the dissatisfaction of the German people after the First World War, which led the people to great resentment towards their leaders, blaming them for the defeat and leading to a strong and growing anti-Semitism against the Jewish people of Germany, and later Adolf Hitler would become Chancellor of Germany and later become the supreme leader of Germany, in chapter two we will have a brief notion of how a totalitarian government emerges, a government that uses terror and manipulation of individuals to remain in power, in chapter three we will

---

<sup>1</sup> Possui graduações em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Centro de Ciências Humanas e da Educação (CCHE/CJ) campus Jacarezinho, Paraná (2019), Sociologia pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER) 2022 e Pós-graduações Lato Sensu em Antropologia Brasileira, na Faculdade de Administração, Ciência e Educação de Minas Gerais (2021) e Ciências da Religião, na Faculdade de Administração, Ciência e Educação de Minas Gerais (2022). Fez parte dos programas como bolsista, Programa institucional de bolsa de iniciação à docência (PIBID) e Programa Residência Pedagógica todos pela CAPES. Participou do programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PICV) com o tema de pesquisa, A sociabilidade como problema em Rousseau, pesquisador nas áreas da Filosofia Antiga, metafísica voltado para o estudo do Tempo, Ciência da Religião, Antropologia e Educação. Atualmente é professor da rede pública do estado de São Paulo. E-mail: carlos\_music82@hotmail.com

narrate the hunt for war criminal Adolf Eichmann, his capture in Argentina and his arrival in Jerusalem to be tried, in the fourth and final chapter we will analyze and understand the banality of evil in Hannah Arendt's view, which leads an apparently good citizen, a family man, to commit certain monstrosities.

**KeyWords:** Arendt. Banality of evil. Eichmann. Anti-Semitism. Judgment.

## Introdução

A segunda guerra mundial foi uma das atrocidades mais terrível do século passado, a sua maldade foi de uma relevância catastrófica que resultou na morte de 60 a 70 milhões de vidas humanas, e só para termos ideia, se a margem de erro é de 10 milhões isso significa que a guerra foi absurdamente e terrível, e o propósito desse artigo é analisar a visão da filósofa, escritora e cientista política Hannah Arendt que vai tratar sobre o conceito de banalidade do mal, partindo do julgamento de um criminoso Adolf Eichmann, do qual mais tarde publicara em sua grande obra *Eichmann em Jerusalém*.

No primeiro capítulo irei citar a biografia e a origem de Hannah Arendt, seu estudo e como se tornou uma cientista política, o que fez levar a nossa autora a estudar o totalitarismo, Hannah era judia e sobrevivente do holocausto nazista, Arendt já lutava ativamente contra o nacional socialismo, em liberdade mudou para os Estados Unidos do qual conseguiu a sua cidadania americana, lecionou em universidades sendo considerada uma das grandes personalidades da filosofia e da ciência política.

No capítulo dois será tratado do tema histórico da primeira guerra mundial, e a insatisfação do povo alemão por sua derrota, pois para compreendermos o que levou o sentimento antissemita temos que compreender a primeira guerra mundial, e a segunda guerra que foi a decorrência da primeira justamente por causa dessa insatisfação, e também o crescente ódio ao povo judeu, depois da derrota houve o Tratado de Versalhes e a Alemanha sofreu uma grande humilhação, o seu exercito fora desarmado e seu efetivo foi reduzido a 100 mil homens, isso causou uma revolta muito grande. Nesse período surgiu a figura de um ex-combatente da primeira grande guerra, seu nome Adolf Hitler do qual mais tarde se tornaria o chanceler e o líder supremo do povo alemão.

No capítulo três tratarei do totalitarismo segundo a visão de Hannah Arendt onde iremos ver que o totalitarismo é um governo político onde há o domínio absoluto de uma só pessoa, esse regime usa do terror com arma política para oprimir e conter os seus opositores, o totalitarismo tem medo do diferente é contra a cultura, como vimos na história, alemães do partido nazista queimando livros, para que assim só houvesse um pensamento, assim era instaurada a sua doutrina totalitarista, nesse governo do terror do qual a maior arma é a propaganda a grande maioria da população é convencida e acredita que seus atos criminosos são legais.

No capítulo quatro veremos como foi a caça ao criminoso de guerra Adolf Eichmann, que depois do fim da segunda guerra Eichmann se estabeleceu na Argentina, Adolf Eichmann era um soldado nazista de alta patente do qual era responsável pela deportação de mais de 1,5 milhões judeus para os campos de concentração e extermínio pertencentes ao governo nazista, sua caçada foi digna de cinema, a *Mossad Agência de Espionagem Israelense* assumiu a busca, ao encontrar o criminoso na argentina a Mossad teve que sequestrar Eichmann e leva-lo a Israel para ser julgado, o sequestro ao criminoso houve pelo fato da Argentina ter um vasto histórico de negar a extradição aos criminosos nazistas, por tanto ao sequestrá-lo Israel violou a lei de um país soberano, apesar de muita discussão entraram em um acordo e Eichmann permaneceu em Jerusalém para ser julgado.

No quinto e último capítulo será tratado o tema a banalidade do mal segundo a nossa autora, Arendt ao participar do julgamento começa a analisar o perfil do réu, e se assusta ao perceber que Adolf Eichmann um soldado nazista e responsável pela extradição de mais de 1,5 milhões de judeus era um cidadão comum, era um bom esposo e um excelente pai, então o que fez Eichmann cometer essas atrocidades? No julgamento ele sempre se declarou inocente e dizia que estava apenas a cumprir ordens, Hannah percebe a incapacidade de Eichmann de pensar e analisar certos fatos, segundo Arendt a banalidade do mal é algo ameaçador, é um fenômeno da recusa do caráter humano do qual o indivíduo se recusa a refletir e assumir a iniciativa de seus atos, “não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos”. (Arendt, 1963)

**Capítulo primeiro: Hannah Arendt muda para os estados unidos.**

Irei expor alguns fatos importantes da vida de Hannah Arendt, pois o foco desse artigo é a sua ida para o julgamento de Adolf Eichmann em Jerusalém.

A filósofa, escritora e cientista política alemã Hannah Arendt (1906-1975) estudou filosofia na Universidade de Marburg, formou-se em 1929, de descendência judaica viveu os horrores perpetrados pelo movimento nazista, durante a acessão de Hitler, por causa da discriminação aos judeus da Alemanha, Arendt perdeu o direito de estudar nas universidades do qual foi expulsa durante a crescente perseguição ao povo judeu.

Hannah tornou-se um dos grandes nomes dos pensamentos políticos principalmente no estudo dos regimes totalitários, foi aluna de Heidegger, do qual teve um caso amoroso, em suas obras que são divididas em antissemitismo, imperialismo e totalitarismo ela procura expor como a Europa se tornou uma máquina de destruição e o que foi capaz de levar os nazistas a cometerem o horror do holocausto.

Analizou a exclusão dos judeus na Alemanha publicando um artigo com o título *O iluminismo e a questão judaica*, expondo as ideias sobre a independência do judaísmo. No ano de 1933 foi detida pela Gestapo pelo período de 8 dias, Arendt já assumia uma luta ativa contra o nacional socialismo.

Já em liberdade fugiu para os Estados Unidos e no ano de 1951 conquistou a nacionalidade americana, no ano de 1963 Hannah é contratada pela Universidade de Chicago onde leciona até o ano de 1967, no mesmo ano ela se muda para Nova York e passa a ensinar na New School for Social Research, sendo considerada uns dos grandes nomes da filosofia no século XX.

## **Capítulo segundo: A insatisfação alemã do Pós Primeira Guerra**

Não darei muita ênfase na história da grande guerra, pois o foco aqui é outro que é o julgamento de um criminoso de guerra e quais as suas consequências. A Segunda Guerra Mundial perdurou de 1939 até 1945, este conflito resultou a morte de 60 milhões a 70 milhões de pessoas, embora exista estudos que dizem que passa dos 70 milhões de mortos, ela causou muita dor e sofrimento principalmente no povo Judeu do qual iremos dar um destaque maior nesse artigo, os horrores dessa guerra foi de

uma proporção gigantesca mais de 6 milhões de judeus morreram nos campos de extermínio dando destaque ao campo de Auschwitz na Polônia.

Com a organização de um sistema de campos de concentração no início da década de 40, judeus, ciganos, homossexuais e oponentes do regime foram assassinados nas câmaras de gás, por meio de injeções letais ou abandonados a morte por desnutrição. (DIWAN, 2007, p. 79).

A segunda Guerra Mundial ocorreu em decorrência da Primeira Guerra, pois ao seu término o povo alemão consolidou fortemente uma ideia de que a derrota fora injusta, e havia a grande humilhação que o povo alemão passou por causa do Tratado de Versalhes, acordo esse que, pois, fim na segunda guerra, o tratado proibia a Alemanha de possuir navios e aviões de guerra e o seu exército fora reduzido a 100 mil homens, causando assim uma revolta muito grande. Nesse período foi onde surgiu a figura de um ex-combatente e cabo da primeira grande guerra que mais tarde se tornaria Chanceler da Alemanha, seu nome é Adolf Hitler que também não iremos entrar muito em questões biográficas, o antissemitismo alemão contra o povo judeu vem desde antes da segunda guerra mundial, o povo judeu fora acusado não somente de instigar uma revolta comunista na Alemanha como também eles foram culpados pela derrota da guerra, não só os judeus como também o Kaiser da Alemanha, por terem concordado com o Tratado de Versalhes, tratado esse que se tornou intragável pelo povo alemão. Não foram somente essas acusações que os alemães fizeram contra os judeus, os judeus foram acusados de participarem também do governo de Weimar<sup>2</sup>, que fez parte da hiperinflação do início da década de 1920, os antissemitas apontaram os judeus como grandes causadores.

Os judeus estavam presentes em quase todo lugar e podiam simbolizar com facilidade tudo o que havia de mais odioso num mundo injusto, inclusive seu compromisso com as ideias do

---

<sup>2</sup> "A República de Weimar foi o período da história alemã compreendido entre os anos de 1919 e 1933, entre o fim da I Guerra Mundial e a ascensão do partido nazista ao poder. Os acontecimentos históricos deste período são resultado da reação de setores da sociedade alemã à derrota na I Guerra Mundial e influenciaram a eclosão da II Guerra Mundial." (Fonte: [brasilescola.uol.com.br](http://brasilescola.uol.com.br))

Iluminismo e da Revolução Francesa que os tinham emancipado e, ao fazê-lo, os haviam tornado mais visíveis. (HOBSBAWN, 2008, p. 123).

### Capítulo terceiro: O governo totalitarista

O termo totalitarismo surgiu na década de 1920 no governo fascista da Itália, o primeiro regime totalitarista na Europa, e uns dos fatores que a filósofa Hannah Arendt usa em sua análise é o fenômeno totalitário, para ela o totalitarismo tornou uma questão fundamental na política do Século XX. Arendt diz:

Os tiranos e os déspotas à maneira antiga tornaram-se mais perigosos desde que os ditadores totalitários lhes ensinaram técnicas novas e insuspeitadas de se apoderarem do poder e de o conservarem. A conclusão natural que impõe uma análise penetrante de um século ameaçado pelo maior de todos os males deveria levar à radical rejeição da própria ideia de mal menor em política, porque, longe de nos protegerem dos maiores, os males menores têm-nos levado inevitavelmente a eles. O risco maior que corremos ao reconhecer no totalitarismo a maldição do século é deixarmos-nos obcecar por ele a ponto de nos tornarmos cegos aos numerosos males menores – e nem sempre tão menores – que enchem o Inferno (ARENDR, 2001, p. 198).

O totalitarismo é um governo político onde há um domínio absoluto de uma só pessoa ou um partido político, pois para compreendermos o julgamento de Eichmann temos que compreender qual era o governo que o cercava, governo esse marcado pela forte presença do militarismo na sociedade onde o objetivo desse governo é propagar a sua ideologia por meio da doutrinação da população. Esses regimes usam do terror como arma política para conter e oprimir os seus opositores, no caso a grande arma usada pelo regime totalitarista nazista foi o da propaganda onde a grande maioria da população é convencida das medidas tomadas pelo partido que busca justificar seus crimes.

O governo totalitário Alemão associado ao partido nazista obteve o controle absoluto de uma nação, em um sistema totalitário a pessoa no cargo de líder detém um controle total sobre a vida pública e privada do indivíduo, governo esse que teve como líder Adolf Hitler, que através de seu discurso de ódio levou a Alemanha ao caos, assim nossa autora distingue o regime totalitário da ditadura e da tirania:

A distinção decisiva entre o domínio totalitário, baseado no terror, e as tiranias e ditaduras, impostas pela violência, é que o primeiro volta-se não apenas contra os seus inimigos mas também contra os

amigos e correligionários, pois teme todo o poder, até mesmo o poder dos amigos. O clímax do terror é alcançado quando o Estado policial começa a devorar os seus próprios filhos, quando o carrasco de ontem torna-se a vítima de hoje. É este o momento quando o poder desaparece inteiramente (Arendt, 1985, p. 30)

O totalitarismo destrói um dos pilares da civilização por negar qualquer ideia de estabilidade, como a própria Hannah Arendt afirma:

nenhuma civilização – o artefato humano para abrigar gerações sucessivas – teria sido jamais possível sem uma estrutura de estabilidade que proporcionasse o cenário para o fluxo de mudanças” (Arendt, 1999b, p. 72). E o totalitarismo nega a liberdade. O que seria apenas uma obviedade é desenvolvido por Arendt (1999a, p. 51)

Vimos que o totalitarismo nega totalmente a liberdade do sujeito, mas para o totalitarismo ter efeito ele deve ser inserido em uma grande escala, “somente onde há grandes massas supérfluas que podem ser sacrificadas sem resultados desastrosos de despovoamento é que se torna viável o governo totalitário, diferente do movimento totalitário” (Arendt, 1989, p. 361).

Para compreendermos o julgamento de Adolf Eichmann temos que compreender também qual era o regime político que ele estava inserido assim como a sua origem. Quando falamos de regimes totalitários sempre nos vem em mente esses três regimes que são o fascismo, nazismo e stalinismo dos quais foram protagonistas na segunda guerra mundial e são considerados até hoje os maiores regimes totalitários da história, vamos dar um foco aqui no governo fascista<sup>3</sup>, do qual o governo de Hitler se espelhou e muito, podemos ver que nos dias de hoje a palavra fascista está na boca de uma grande maioria como forma de xingamento, mas é importante compreendermos o significado dessa palavra, o fascismo é uma ideologia política ultranacionalista, esse regime é caracterizado por um poder ditatorial, onde seu método era o uso da força, e o seu idealizador foi Benito Mussolini do qual Adolf Hitler tinha uma certa admiração, sendo que a famosa saudação nazista foi inspirada nos fascistas, apesar das ideologias fascistas e nazistas não serem totalmente semelhantes o que as unia era o regime totalitarista.

---

<sup>3</sup> Regime político que surgiu na Itália entre 1919 e 1939, tendo aumentado a sua influência na Europa.

## Capítulo quarto: A caça a Adolf Eichmann

Logo após a segunda guerra mundial os aliados começaram os preparativos para o julgamento dos criminosos de guerra do qual o foco era os nazistas ligados ao governo de Hitler, em especial os do escritório do Führer<sup>4</sup> e aqueles envolvidos nos campos de concentração, um dos julgamentos mais famosos é o de Nuremberg que ocorreu de 20 de novembro de 1945 a 1 de outubro de 1946, e assim fora mostrado para o mundo às atrocidades que os alemães fizeram com o povo judeu nos campos de concentração, depois das condenações dos acusados pelos crimes que cometeram alguns pegaram prisões perpetua e outros foram condenados à morte pelo tribunal.

Mesmo com alguns criminosos condenados no julgamento de Nuremberg, muitos continuaram foragidos e nem foram capturados, caso do criminoso de guerra Adolf Eichmann que é a base de nosso estudo, sua captura ocorreu 15 anos depois do julgamento de Nuremberg, para que esse grande julgamento acontecesse temos que dar ênfase a ousada captura de Eichmann, depois da segunda guerra mundial, um grupo de sobreviventes do Holocausto dedicou à vida a procura de criminosos nazistas, a Mossad, agência de espionagem israelense, assumiu o controle das buscas. Em 1953, Eichmann foi visto em Buenos Aires, com o endereço de Eichmann em mãos e ciente da política de não extradição do governo local a Mossad montou um plano audacioso para a captura do criminoso nazista que se encontrava em território argentino, para que ele pudesse ser julgado pelos seus crimes de guerra, vários judeus se dedicaram a vida a essa caça e uns dos nazistas que estava na lista de mais procurados era Adolf Eichmann, durante muitas investigações, conseguiram confirmar a identidade do foragido, ele estava na Argentina, mas como o país tinha um vasto histórico de negar a extradição de criminosos nazistas o governo de Israel tomou a grande decisão de capturá-lo, a equipe de Israel chegou em abril e capturou Eichmann no dia 11 de maio de 1960 após a confirmação de sua identidade, do qual acompanharam a sua rotina durante vários dias, conseguiram captura-lo e leva-lo para Israel.

---

<sup>4</sup> Termo do alemão utilizado para se referir: líder, chefe, alguém que conduz. Embora seja uma palavra comum no vocabulário alemão, é um termo que tradicionalmente é associado a Adolf Hitler, pois ele mesmo a utilizou para designar-se líder da Alemanha Nazista.

A Argentina entrou com um pedido de indenização por violação a sua soberania, mas Israel alegou que Eichmann fora capturado por indivíduos privados, por isso era uma violação isolada da lei argentina, mas uma resolução de número 138 estabeleceu que Israel realmente violou a soberania Argentina, mas através de algumas negociações Israel e Argentina emitiram um documento conjunto concordando que realmente houve essa violação e colocaram fim a disputa, assim não iria influenciar na legalidade de seu julgamento.

Para entendermos melhor vamos analisar quem foi Adolf Eichmann, embora ele tenha nascido na Alemanha Eichmann foi para a Áustria quando menino e por volta do ano de 1932 afiliou-se ao Partido Nazista e nas SS e rapidamente foi ganhando posições nas organizações nazistas, e logo após a Áustria ser anexada a Alemanha em março de 1938, Eichmann em Viena organizou um Escritório Central para Emigração de Judeus de todo o Reich, do qual “facilitou” a emigração de cerca de 110.000 judeus austríacos entre os meses de agosto de 1938 e junho de 1939, o modelo implantado foi tão bem sucedido que serviu de modelo para todo o Reich Alemão.

Após entrar para Gestapo Eichmann foi nomeado diretor dos departamentos responsáveis pelas deportações de judeus e outros assuntos referentes ao povo judeu, Adolf Eichmann através de seu cargo teve uma importância central na deportação de mais de 1.5 milhões de judeus para os campos de extermínios da Polônia sendo um desses Auschwitz Birkenau<sup>5</sup> uns dos maiores e também na União Soviética ocupada, além de lugares específicos para os assassinatos em massa de judeus, em 1942 Eichmann fez parte da conferência de Wannsee, onde os líderes superiores do partido nazista e das SS reuniram-se em Berlim em um palácio a beira do lago Wannsee para discutir o destino do povo judeu na Europa, um ponto muito importante e fundamental para a caça de Adolf Eichmann foram os sobreviventes do holocausto, um esforço crucial contra a impunidade.

## Capítulo quinto: A banalidade do mal

---

<sup>5</sup> Rede de campos de concentração localizados no sul da Polônia, anexado pelo Terceiro Reich nas áreas polonesas, Auschwitz foi o maior símbolo do Holocausto perpetrado pelo nazismo, o governo de Adolf Hitler construiu vários campos nessa área como Auschwitz I; Auschwitz II – Birkenau; Auschwitz III – Monowitz, e contava com mais 45 campos satélites.

Eichmann em Jerusalém é o relato do julgamento de Adolf Eichmann realizado em Jerusalém em 1961, Hannah foi muito criticada por essa obra, principalmente na comunidade judaica, considerado um dos livros mais polêmicos da década de 60, ela respondeu de maneira bem categórica que não havia negado a sua identidade judaica, mas também não apresentou como uma condição especial:

Sempre entendi a minha condição de judia como um fato inegável da minha vida e jamais pretendi mudar isso ou rejeitar tal condição. Nesse sentido, eu não “amo” os judeus, nem “acredito” neles: simplesmente pertencço ao judaísmo, naturalmente, para além de qualquer controvérsia ou contestação. (Arendt apud Young-Bruehl, 1997, p. 299).

Por esse fato desagradou e muito o povo judeu acusando-a de resistência e passividade; pela elite judaica era acusada de ingenuidade e cumplicidade. Enviada para Jerusalém pela revista *The New Yorker* afim de cobrir o julgamento do criminoso de guerra Adolf Eichmann, ao chegar no julgamento tendo como base as atrocidades cometidas pelo criminoso nazista Hannah Arendt esperava encontrar um monstro, um ser humano totalmente impiedoso e cruel, um demônio em forma de pessoa, mas ela se sentiu espantada em ver que Adolf Eichmann não era o que ela imaginava, ele era um cidadão comum normal como qualquer outro, Eichmann era pai de família e um funcionário como já foi dito em uma breve biografia neste artigo. Um dos pontos polêmicos que iremos levantar nesse artigo e da obra *Eichmann em Jerusalém* do qual foi uma junção de artigos publicados pela filósofa e teórica política Hannah Arendt, e uma dessas polêmicas é a maneira como a autora interpreta o comportamento de Eichmann, ela cobriu todo o julgamento, e ainda o entrevistou pessoalmente.

Ali iremos compreender o conceito de banalidade do mal segundo a autora, a banalidade do mal é um desafio ameaçador a toda sociedade ou cultura, é um fenômeno da recusa do caráter humano do qual apoiado na recusa da reflexão e da tendência de não assumir a iniciativa de seus atos. Quando um indivíduo ele se afasta da sua responsabilidade e de suas atitudes este indivíduo deixa o exercício da reflexão, desconectando - se do sentido das coisas, pois segundo a obra da autora quando este campo ético é corrompido se instala a banalidade do mal, no qual nem a violência e nem a agressividade irão perturbar a ordem social, Arendt nota: “Uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar

sua própria essência - Não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos”. (1963)

Segundo Arendt, ela compara os homens com sonâmbulos como se fossem zumbis que estão em um estado de inconsciência do qual agem automaticamente sem realmente estarem presentes em seus atos, “a diferença fundamental entre as ditaduras modernas e as tiranias do passado está no uso do terror não como meio de extermínio e amedrontamento dos oponentes, mas como instrumento corriqueiro para governar as massas perfeitamente obedientes” (Arendt, 1989, p. 26), pessoas que não pensam vivem de maneira passiva e não tem consciência de si mesmo, para a autora o pensamento é fundamental para uma existência autêntica que possibilita o ato da reflexão e a compreensão do mundo ao nosso redor.

Não podemos esquecer o caso de Adolf Eichmann que se transforma em um alto oficial na verdade um oficial que tinha um papel fundamental na engrenagem nazista no estabelecimento da questão final para a solução judaica esse nome aparentemente eufemístico não deve esconder que se tratava de uma das maiores monstruosidade técnico burocráticas da história, a racionalidade que Eichmann usava não era uma razão favorável para a coletividade. Por tanto essa racionalidade não era avaliativa e não refletia no bem-estar comum, Arendt acreditava na liberdade que o indivíduo tinha para se tomar decisões, decisão essa fundada na reflexão do indivíduo, uma racionalidade que visa o interesse comum e o bem da coletividade.

E uma das grandes questões da obra *Eichmann em Jerusalém* proposta pela autora é, “o que leva um ser humano comum como Eichmann a ser um dos pensadores e formuladores da solução final”, Arendt irá analisar o seu comportamento no julgamento e irá entrevistá-lo.

Chegando no local do julgamento e se deparando com o criminoso de guerra Hannah Arendt achava que iria encontrar um monstro, mas ela percebe que ele era mais um burocrata, mas então, por que um indivíduo com todas essas características cometeu esse crime tão terrível? Hannah ao entrevistar o criminoso notou que ele respondia todas as perguntas com uma certa educação, e o criminoso a todo momento respondia que só estava cumprindo ordens, ou seja, quando perguntava se ele tinha conhecimento do que ele fazia, ele dizia que sabia de uma certa forma mas que ele estava cumprindo ordens, e ai a nossa autora tem o seu primeiro choque, ela

vê que a maldade no nazismo não estava enrizada no espírito violento, muitas vezes a maldade não estava em uma raiz mais profunda, ela estava mais superficial como na figura de um burocrata, Arendt diz:

Será que a natureza da atividade de pensar, o hábito de examinar, refletir sobre qualquer acontecimento, poderia condicionar as pessoas a não fazer o mal? Estará entre os atributos da atividade do pensar, em sua natureza intrínseca, a possibilidade de evitar que se faça o mal? Ou será que podemos detectar uma das expressões do mal, qual seja, o mal banal, como fruto do não-exercício do pensar? (Arendt, 2008).

Eichmann era um funcionário zeloso e apenas cumpria ordens que recebia, mas nossa autora faz uma análise e percebe que a massificação e o totalitarismo permitiram não só Eichmann como uma multidão adepta do pensamento nazista a seguir ordens sem questionar, uma multidão incapaz de fazer julgamentos morais.

O que tornava Eichmann uma aberração era o fato de ele nunca haver experimentado as exigências do pensamento diante dos acontecimentos. A questão que a filósofa se propõe a aprofundar, então, é a ausência do pensamento e sua possível relação com os atos maus” (Duarte, 2000, apud Andrade, 2010).

Podemos ver que a racionalidade que Adolf Eichmann usava não era uma racionalidade favorável para uma coletividade, ele era obcecado por poder e status social, Eichmann faria qualquer coisa para ser reconhecido e obter sucesso, mas essa busca incessante pelo sucesso é o que levaria Eichmann a praticar o mal. Era por essa razão que ele deveria ser punido.

Durante todo o julgamento Eichmann nunca se considerou culpado pelas suas ações sua justificativa era que sempre estava cumprindo ordens, obedecendo as leis vigentes naquele período, assim Hannah iniciou um longo estudo analisando o réu para demonstrar que o mal não pode ser explicado como uma fatalidade, e sim como uma possibilidade da liberdade humana, analisando a personalidade comum de Eichmann e as atrocidades monstruosas por ele cometidas, ele não era um monstro mesmo que suas ações fossem de um monstro. Segundos psicólogos que o examinaram o seu comportamento “não é apenas normal, mas inteiramente desejável”, “um homem de ideias muito positivas” (Arendt, 1999, p. 37).

Não era somente Eichmann, um caso de um nazista famoso era de Heinrich Himmler, líder que chefiava a SS que também cometeu atrocidades, apesar de ter cometido suicídio e não ter sido julgado por um tribunal, Himmler assim como Eichmann também era um bom pai de família e um marido exemplar.

Podemos ver o como um regime totalitário age na mente de um indivíduo, “a propaganda totalitária cria um mundo fictício capaz de competir com o mundo real, cuja principal desvantagem é não ser lógico, coerente e organizado”. De fato, a mentira tem grande chance de se obter sucesso, uma vez que, “na medida em que a verdade fatural se expõe à hostilidade dos defensores de opiniões, ela é pelo menos tão vulnerável como a verdade filosófica racional” (Arendt, 1972, p. 301).

Arendt viu em Eichmann a sua mediocridade e um grande vazio, do qual fez a nossa autora repensar seus conceitos de moralidade, o réu tinha uma falência dos seus conteúdos morais tradicionais, e persistia em um caráter de obediência do qual ele era desprovido de reflexão, o mal que se queria encontrar em Eichmann, o monstro, o mal absoluto não existia, ele era um sujeito totalmente normal que fazia o que fazia por mérito e reconhecimento e de acordo com Eichmann, ele estava agindo moralmente dentro da lei, ai vemos a banalidade do mal, pois o mal se tornou banal, por isso ao analisar o julgamento ela nota o comportamento de Eichmann tanto no tribunal como antes na sua vida na sociedade alemã durante o nazismo:

Eichmann somente precisava lembrar-se do passado, para ter a certeza de não estar mentindo e nem se decepcionar, pois ele e o mundo no qual vivia, tinham estado em outros tempos, em perfeita harmonia. E que a sociedade alemã, de oitenta milhões de pessoas, fora protegida contra a realidade e a evidência, exatamente pelos mesmos meios e pelas mesmas auto-enganações, mentiras e tolices que estavam arraigadas na mente de Eichmann (Arendt, 1983, p. 67).

Eichmann dizia não se lembrar de nada, ou seja, os detalhes sórdidos dos quais ele mesmo participou e existiam provas ele dizia não se lembrar, mas por outro lado, Eichmann lembra com detalhes de grandes jantares dos quais ele participou depois de sua ascensão no partido nazista e de conversas relacionadas as conquistas, por isso a única culpa que ele assumia era a parte logística dos transportes dos judeus.

Eichmann estava com sua consciência tranquila, pois cumpriu o seu dever com maestria e sabia que era isso que deveria fazer, e sabemos que a voz da consciência

não é dada naturalmente é algo construído coletivo e intersubjetivamente, Arendt diz:

Sua consciência ficou efetivamente tranquila quanto ele viu o zelo e o empenho com que a “boa sociedade” de todas as partes reagia ao que ele fazia. Ele não precisava “cerrar os ouvidos para a voz da consciência”, como diz o preceito, não porque ele não tivesse nenhuma consciência, mas porque sua consciência falava com a “voz respeitável”, com a voz da sociedade respeitável à sua volta. (Arendt, 1999, p. 143).

O julgamento de Eichmann foi um marco fato histórico, os documentos do julgamento totalizaram 3,500 páginas de depoimentos, pelo decorrer de 56 dias, e aí saiu o seu veredicto, Adolf Eichman foi condenado a morte por enforcamento, e horas depois no dia 1 de julho de 1962 sua execução foi cumprida.

### **Conclusão**

Vimos que a primeira guerra mundial causou uma revolta muito grande no povo alemão, a humilhação por conta do Tratado de Versalhes foi o estopim para que o antissemitismo florescesse ainda mais, o povo alemão além de culpar seus governantes culpava os judeus pela derrota na primeira grande guerra acusando-os de traidores, a Alemanha passava por uma hiper inflação, o povo passava fome, e aproveitando dessa vulnerabilidade do povo surge o partido nazista, onde mais a diante toma a frente um ex-combatente da primeira guerra, seu nome Adolf Hitler. Logo Hitler se torna chanceler da Alemanha e depois seu líder supremo e assim esta instalado o governo totalitário na Alemanha, onde nossa autora Hannah Arendt faz uma grande análise em suas obras *A Origem do Totalitarismo* e também na obra *Eichmann em Jerusalém*, Arendt fala com maestria a como é a formação de um estado totalitário, e podemos ver que nos dias de hoje ainda existem governos que seguem o regime totalitário, onde um líder supremo responde pela nação, um grande exemplo é a Coreia do norte, o governo totalitarista usa do terror para governar, e uma das principais armas é a propaganda, sendo que na mente dos jovens faz um efeito ainda maior, assim que o partido nazista alemão se enraizou na Alemanha.

E em decorrência da primeira grande guerra surge a segunda que foi muito pior levando a morte de cerca de 70 milhões de pessoas, ao termino dessa guerra terrível em 1945 os aliados começaram incessantemente uma caça aos criminosos de

guerra, alguns líderes foram capturados e levados para o famoso julgamento de Nuremberg na Alemanha, mais muitos ainda estavam foragidos, que era o caso de Adolf Eichmann acusado pela deportação de mais de 1,5 milhões de judeus para os campos de concentração, através de muita investigação a agência secreta israelense Mossad chega a Eichmann que estava foragido na Argentina, Eichmann foi levado para Jerusalém onde foi o seu julgamento, nossa autora Hannah Arendt foi convidada para participar do julgamento.

Arendt foi com uma visão que iria encontrar um monstro, mas na verdade Adolf Eichmann era um homem comum, um excelente esposo e um ótimo pai, então o que leva um homem a cometer esses atos do mal? Eichmann nega a sua culpa e não se considera um criminoso de guerra e sim um cumpridor de ordens e Arendt percebe que ele agia sem pensar em seus atos, aí nossa autora vai analisar a banalidade do mal, como ela surge? Arendt compara Eichmann a um sonâmbulo como se ele fosse um zumbi - Não é apenas sem sentido; ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são como sonâmbulos". (Arendt, 1963).

Assim, pois, podemos ver o que uma ideologia quando implantada para o mal causa nos indivíduos, eles chegam a cometer crimes bárbaros e nem se dão conta dos seus atos, que foi o caso do nosso estudo, o julgamento de Adolf Eichmann.

168

## Referências

ANDRADE, M. A banalidade do mal e as possibilidades da educação moral: contribuições arendtianas. *Revista Brasileira de Educação* v. 15 nº 43, jan./abr. 2010.

ARENDR, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1972

ARENDR, H.. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

ARENDR, H.. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDR, H.. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo*. Belo Horizonte: Companhia das Letras/Editora UFMG; 2008.

CESARANI, D. *Eichmann: his life and crimes*. London: Vintage, 2004/2005.

DIWAN, P. *Eugenia, a biologia como farsa*. História Viva. São Paulo, n 49, p. 76-81, 2007.

HOBBSAWN, E. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

CÁCERES, C. A.

Submissão: 18. 12. 2023 / Aceite: 15. 04. 2024